

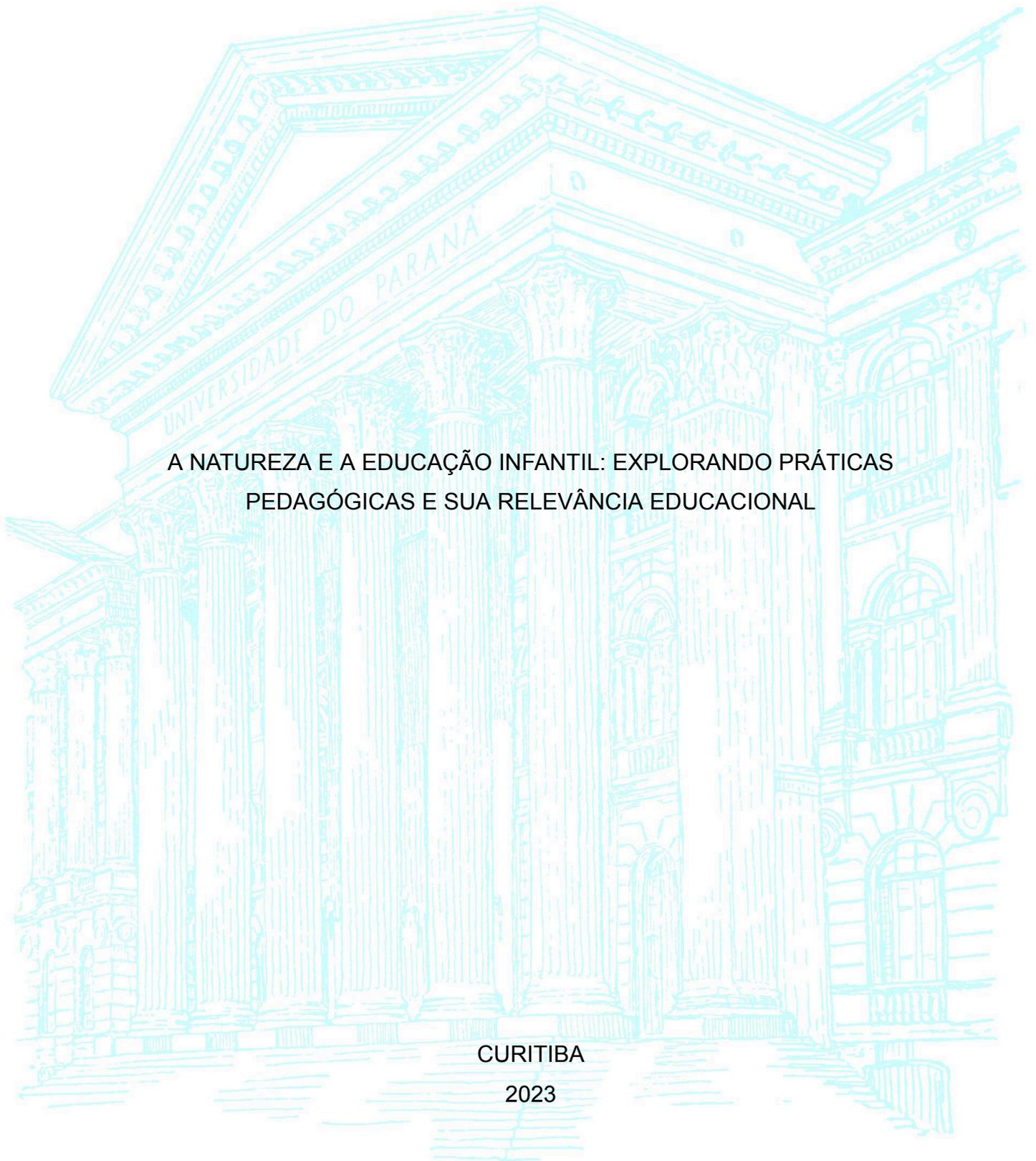
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GIULIA SOARES

A NATUREZA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPLORANDO PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS E SUA RELEVÂNCIA EDUCACIONAL

CURITIBA

2023



GIULIA SOARES

A NATUREZA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPLORANDO PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS E SUA RELEVÂNCIA EDUCACIONAL

Trabalho de conclusão de curso (TCC)  
apresentado ao curso de Pedagogia, Setor de  
Educação, Universidade Federal do Paraná,  
como requisito à obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Ana Claudia Urban

CURITIBA

2023

## RESUMO

A relação entre a criança e a natureza é intrínseca e vital. A necessidade de um contato próximo com o meio natural se apresenta de diversas formas no desenvolvimento infantil, desempenhando um papel crucial no processo educacional. Com a crescente urbanização, essa ligação foi progressivamente diminuída, levando as crianças a viverem cada vez mais em ambientes fechados. Este trabalho visa analisar práticas pedagógicas na educação infantil que têm como foco a natureza. Para isso, foram observadas as abordagens adotadas por uma escola particular em Curitiba/PR e as conexões estabelecidas entre as crianças e o ambiente natural. A metodologia utilizada foi qualitativa, baseada na observação direta do objeto de pesquisa. As práticas pedagógicas analisadas revelaram que, ao entrar em contato com a natureza, a criatividade e a curiosidade das crianças são estimuladas. Ao se encontrarem ao ar livre, elas aprendem de maneira integrada com a natureza e seus elementos, ressaltando a importância dessa abordagem nas práticas educacionais.

Palavras-chave: Educação infantil; natureza; práticas pedagógicas.

## **ABSTRACT**

The relationship between the child and nature is intrinsic and vital. The need for close contact with the natural environment manifests itself in various ways during childhood development, playing a crucial role in the educational process. With the increasing urbanization, this connection has progressively diminished, leading children to live more and more in enclosed environments. This project aims to analyze pedagogical practices in early childhood education that focus on nature. To achieve this, the approaches adopted by a private school in Curitiba/PR were observed, along with the connections established between children and the natural environment. The method used was the qualitative one, based on the direct observation of the research subject. The analyzed pedagogical practices revealed that, when in contact with nature, children's creativity and curiosity are stimulated. While outdoors, they learn in harmony with nature and its elements, emphasizing the importance of this approach in educational practices.

Keywords: early childhood education; nature; pedagogical practices.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 METODOLOGIA.....	10
1.1.1 Espaço da Pesquisa.....	11
1.1.2 Sujeitos da Pesquisa.....	12
<b>2 OS VÍNCULOS ENTRE A INFÂNCIA E A NATUREZA.....</b>	<b>15</b>
2.1. A ESCOLA COMO PONTE DE EXPLORAÇÃO E POSSIBILIDADES ENTRE A EDUCAÇÃO E A NATUREZA.....	20
<b>2.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>24</b>
<b>3 A NATUREZA PRESENTE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA ESCOLA DE CURITIBA.....</b>	<b>29</b>
3.2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	30
3.2.1 O João de Barro e seu ninho.....	30
3.2.2 O poder do elemento água.....	33
3.2.3 O ciclo de vida da borboleta.....	36
3.3 ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	39
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casca de ovo de pássaro	31
Figura 2 - Construção de ninho com elementos naturais	31
Figura 3 - Construção de ninhos com elementos naturais	32
Figura 4 - Construção de ninho com lama e palha	32
Figura 5 - Brincadeiras com água	34
Figura 6 - Brincadeiras com água	34
Figura 7 - Brincadeira na poça d'água	35
Figura 8 - Observação de insetos	37
Figura 9 - Lagarta encontrada no quintal da escola	37
Figura 10 - Observação da lagarta em sala de aula	38
Figura 11 - Observação e registro sobre características da lagarta	38
Figura 12- Observação da Borboleta em sala de aula	39

## 1 INTRODUÇÃO

Infância e natureza são duas palavras que podem facilmente ser relacionadas. Uma infância rica é uma infância em contato com a natureza e todos os seus elementos. A criatividade, liberdade e tantos outros aspectos de grande importância na formação humana podem ser descobertos e aflorados quando a criança possui em seu dia-a-dia uma relação de proximidade com o meio-ambiente. Com a urbanização das cidades, os pátios das casas foram se tornando menores, os espaços verdes se transformaram em grandes prédios. As famílias passam mais tempo dentro de suas casas e as brincadeiras ao ar livre foram substituídas por horas e horas em frente às telas. O contato com o meio natural se tornou algo infrequente. Essa falta de contato acarreta em diversos problemas, tanto físicos quanto mentais. Visto isso, escolas têm implementado em seus currículos propostas pedagógicas que visam aproximar a criança da natureza. Essas propostas intencionam conectar a infância ao meio ambiente, mostrar as diversas possibilidades que a natureza proporciona e trazer às crianças a noção de pertencimento a este meio. Ao proporcionar essa proximidade, a criança passa a se sensibilizar e se conscientizar sobre a necessidade de preservar e conviver com a natureza.

Com isso questionamos: de que forma é possível apresentar às crianças práticas pedagógicas relacionadas com o tema natureza na educação infantil?

O presente trabalho tem como objetivo geral:

Analisar as práticas pedagógicas realizadas em uma escola de educação construtivista localizada em Curitiba (Paraná) e sua relação com a natureza.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

Observar como as práticas pedagógicas se dão na instituição de ensino analisada.

Refletir sobre como as crianças se relacionam com as práticas e quais os benefícios das mesmas para o desenvolvimento educacional das crianças.

Inicialmente procuramos entender como a criança e a natureza se relacionam dentro e fora do ambiente escolar. No capítulo um abordamos essas relações – e também a falta delas – para assim conseguirmos analisar de maneira mais significativa algumas práticas pedagógicas. Estar presente na natureza é uma ação cada vez

menos comum e isso acarreta em déficits para as crianças. Na introdução também explicamos a organização deste trabalho e os objetivos desta pesquisa.

No capítulo dois que chamamos de “Os vínculos entre a infância e a natureza”, abordamos a maneira como as crianças foram e continuam sendo percebidas na sociedade, assim como os papéis que costumavam ocupar no meio familiar. É evidente uma mudança no entendimento e uso do termo “infância” ao longo do tempo e esses papéis antes ocupados pelas crianças, sofrem transformações e adquirem relevância para a sociedade. Além disso, as crianças sempre tiveram uma forte ligação com a natureza, porém a mesma diminuiu com o passar dos anos, visto que as crianças passam menos tempo ao ar livre e mais tempo trancadas dentro de suas casas. O autor Richard Louv, em sua obra "A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza", publicado em 2016, traz ideias como o “transtorno do déficit de natureza”, e foi utilizado em diversas partes da pesquisa para embasar a hipótese de que as crianças não brincam mais ao ar livre como costumavam e isso implica em uma série de obstáculos para o desenvolvimento saudável das mesmas.

No capítulo três, intitulado de “A natureza presente nas práticas pedagógicas de uma escola de Curitiba/PR”, relatamos três práticas pedagógicas propostas por algumas professoras que atuam na escola que foi campo da pesquisa. Essas práticas possuem relações fortes com a natureza e seus elementos, e mostram a importância da escola trazer para o cotidiano escolar o contato diário com o meio natural. É importante conectar diariamente os alunos com toda a vida presente no ambiente em que estão. Durante a realização desta pesquisa, pedimos permissão à escola escolhida para participar no papel de observadores de algumas práticas pedagógicas, realizadas pelos professores regentes das turmas. A autorização da escola se deu devido ao fato de a pesquisadora possuir vínculo com a instituição, atuando como professora de língua inglesa nas turmas de Infantil 5 e também turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. Atuando há 3 anos e meio na escola, a pesquisadora apresentou intimidade e liberdade com os alunos e professores da escola e pôde assim observar as práticas e também analisá-las de maneira mais significativa. Optamos neste trabalho por analisar as práticas ao invés de aplicá-las, pois assim foi possível observar melhor as crianças e as relações que as mesmas fizeram entre as práticas e a natureza. Essa pesquisa visa principalmente observar a

forma com que a natureza é apresentada para a criança nas vivências escolares e as relações que surgem através dessas práticas.

Em meio ao crescente processo de urbanização das cidades, as crianças estão se distanciando cada vez mais do ambiente natural, distanciamento que também é refletido nas práticas educacionais das escolas. Entretanto, algumas instituições educacionais estão indo na contramão desse cenário, e procuram proporcionar às crianças um contato mais próximo com a natureza por meio de práticas pedagógicas que incorporam uma variedade de elementos naturais.

Estar presente na natureza é uma ação cada vez menos comum e isso acarreta em déficits para as crianças. Encerramos este trabalho com as considerações finais, estabelecendo uma conexão entre a teoria previamente abordada e as práticas educacionais observadas na escola que serviu como campo de pesquisa. Analisamos a importância de as escolas buscarem cada vez mais integrar seus alunos com a natureza e o quanto as crianças necessitam desse contato para um desenvolvimento saudável, tanto físico quanto mental.

## 1.1 METODOLOGIA

Para este trabalho foi utilizada a abordagem qualitativa, que tem como objetivo observar as práticas pedagógicas. De acordo com Minayo (2001, p.14), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, [...] o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa desempenha um papel crucial no estudo das relações sociais, dada a diversificação das esferas da vida e que a mesma possui elementos fundamentais que devem aparecer na pesquisa, como a escolha apropriada dos métodos e teorias, reconhecimento e análise de diversas perspectivas, ponderação sobre as investigações por parte do pesquisador, além de noções sobre a importância das investigações como parte integrante do processo de construção de conhecimento e a adoção de uma variedade de abordagens e métodos.

Tendo essa percepção sobre o método qualitativo e sua importância no estudo de fenômenos sociais, optamos por realizar a pesquisa seguindo essa abordagem.

A pesquisa se deu por meio da observação de práticas pedagógicas no período de um pouco mais de 1 mês (trinta e um dias), entre os dias 29 (vinte e nove) de setembro e 31 (trinta e um) de outubro de 2023 (dois mil e vinte três) e foram realizadas em duas turmas diferentes, sendo uma turma do Infantil 5 e uma turma do 1º ano.

### 1.1.1 Espaço da Pesquisa

A análise das práticas pedagógicas foi realizada em uma escola da rede particular, que fica localizada no Bairro Santa Quitéria, em Curitiba/PR. Essa escola atende crianças da Educação Infantil até o Ensino Fundamental II. A escola possui quarenta e quatro anos de história. Além de ter a sua sede localizada no Bairro Santa Quitéria, em dois mil e quinze inaugurou um espaço no Bairro Passaúna, oferecendo a seus alunos uma espécie de chácara, onde os mesmos possuem a oportunidade de ter um contato maior com a natureza.

A equipe de coordenadores da escola está em constante estudo sobre a importância da natureza no ambiente escolar, trazendo para a realidade da escola referências de escolas modelo de todo o mundo, como por exemplo a Green School, localizada na Indonésia e em alguns outros países.

As práticas pedagógicas da escola possuem relação com o construtivismo, que é assim explicado por Becker:

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento. (Becker, 1992. p.88-89)

Becker também cita Piaget ao falar sobre o construtivismo e como ele se mostra no mundo em que vivemos.

Construtivismo é, portanto, uma ideia; melhor, uma teoria, um modo de ser do conhecimento ou um movimento do pensamento que emerge do avanço das ciências e da Filosofia dos últimos séculos. Uma teoria que nos permite interpretar o mundo em que vivemos. No caso de PIAGET, o mundo do conhecimento: sua gênese e seu desenvolvimento. Construtivismo não é uma prática ou um método; não é uma técnica de ensino nem uma forma de aprendizagem; não é um projeto escolar; é, sim, uma teoria que permite

(re)interpretar todas essas coisas, jogando-nos para dentro do movimento da História - da Humanidade e do Universo. (Becker, 1992. p.88-89)

A escolha da escola como espaço para a seguinte pesquisa não se deu de forma aleatória. Como já evidenciamos anteriormente, este trabalho conta uma pesquisadora que possui vínculo empregatício com a instituição, o que foi um ponto importante na escolha da escola, visto que as observações das práticas poderiam ser facilitadas no sentido de que a pesquisadora estava presente diariamente naquele ambiente escolar. Outro ponto que foi levado em conta para a escolha da escola como espaço de pesquisa, foi que as abordagens pedagógicas utilizadas pela escola conversam com as abordagens de interesse da pesquisadora.

### **1.1.2 Sujeitos da Pesquisa**

Os indivíduos centrais deste trabalho foram as crianças que participaram ativamente das práticas pedagógicas, explorando suas interações não apenas com essas abordagens educacionais, mas também examinando o modo como se relacionam com a natureza em seu contexto mais amplo. As crianças que participaram das práticas têm idades entre 5 e 7 anos, e são de uma turma de Infantil 5 e outra de 1º ano, respectivamente. A turma de crianças mais novas possuía 15 alunos, enquanto a turma do 1º ano contava com 13 alunos.

As crianças que estudam na escola são de classe média alta e também da elite de Curitiba. Possuem ótimas condições financeiras, o que propicia a elas experiências como viagens e diversos programas culturais.

O perfil socioeconômico dessas crianças está relacionado com a educação que é oferecida à elas. A escola que frequentam oportuniza diversas relações, como por exemplo, a relação e o contato que possuem com a natureza ao frequentarem a chácara e o próprio ambiente da escola.

Alguns dos sujeitos dessa pesquisa ficam em período integral na escola, contando com aulas do projeto bilíngue pela manhã, enquanto no período da tarde possuem aulas do currículo de língua portuguesa.

A pesquisadora possuía contato diário com as crianças, visto que dava aulas todos os dias nessas duas turmas. Essa intimidade que a mesma demonstrava com os alunos foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, visto que as

crianças quando em contato com alguém que estão acostumadas a conviver diariamente, expressam muito mais seus sentimentos e questionamentos.

Algumas dessas práticas foram iniciadas e finalizadas no mesmo dia, outras levaram mais tempo, e com isso, mais dias de análise.



## 2 OS VÍNCULOS ENTRE A INFÂNCIA E A NATUREZA

Infância é um termo de difícil definição. Apesar de ser uma palavra usada rotineiramente, seu significado sofreu - e ainda sofre - mudanças. Ao procurar no dicionário o significado dessa palavra, podemos encontrar, dentre outras definições, a seguinte frase: "Período da vida humana desde o nascimento até cerca de 12 anos, até ao início da adolescência" (INFÂNCIA, 2023). A infância então é vista somente como um período de maturação, que acontece com todo ser-humano. Se revisitarmos o passado, também encontramos provas de que as crianças eram vistas como mini adultos na Idade Média, se vestindo e até agindo como tais, visto que eram inseridas na sociedade logo que apresentavam uma certa independência. A infância era breve e não possuía a mesma importância e nem o mesmo significado que nos dias de hoje.

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (Ariès, 1986, p. 10).

Com o passar do tempo, a Igreja trouxe novos pensamentos e comportamentos, que modificaram as estruturas familiares.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. Esse fato é confirmado pelo gosto manifestado na mesma época pelos hábitos e pelo jargão das crianças pequenas. (Ariès, 1986, p.65)

Isso fez com que o conceito de infância sofresse transformações, e a criança então passou a ser vista com mais relevância na sociedade. Ela já não era mais um adulto em miniatura, mas sim, um ser pensante, possuinte de uma personalidade própria e capaz de realizar ações que antes os adultos achavam que elas não eram

capazes. Nota-se então que a criança tem uma importância e significado diferentes, dependendo da época e da sociedade na qual está inserida.

Diversos pensadores passaram a estudar a infância e colocar as crianças em posições de destaque. Viram que estudar sobre elas era essencial e que elas precisavam ser valorizadas dentro da sociedade. Dentro desses pensadores, podemos citar Jean-Jacques Rousseau, que trouxe novos olhares para a vida das crianças.

Rousseau vivia em um contexto onde as crianças ainda eram vistas como mini-adultos e trouxe estudos de grande relevância sobre a primeira infância. Em sua obra *Emílio ou da educação*, Rousseau destaca o quanto o adulto precisa respeitar o mundo da criança e entendê-la como um ser que possui especificidades diferentes das dos adultos. Rousseau afirma:

Para não correremos atrás de quimeras, não nos esqueçamos do que convém à nossa condição. A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Determinar para cada qual o seu lugar e ali fixá-lo, ordenar as paixões humanas conforme a constituição do homem, é tudo o que podemos fazer pelo seu bem estar. (Rousseau, 2004, p. 73-74).

Para Rousseau existe uma ordem natural das coisas, e ele destaca a importância de não pularmos essas fases. Cada uma das fases possui uma relevância diferente no desenvolvimento do sujeito. Rousseau critica a educação daquela época, pois criança deveria ser tratada como criança, sem ser submetida a trabalhos e sacrifícios que somente adultos deveriam passar.

[...] como encarar sem indignação essas pobres infelizes submetidas a um jugo insuportável e condenadas a trabalhos contínuos como os galeotes, sem ter certeza de que tantos trabalhos algum dia lhes serão úteis! A idade da alegria passa-se em meio a prantos, a castigos, a ameaças, à escravidão (Rousseau, 2004, p. 72).

A infância então, segundo Rousseau, é um período da vida com modos singulares de observar, raciocinar e experimentar emoções, os quais são inerentes a ela. Nada se mostra menos sensato do que a tentativa de substituir esses modos pela nossa própria visão de mundo e processos de pensamento pertencentes aos adultos. A educação ideal para Rousseau é aquela que acontece de modo natural,

onde a criança é educada em contato com a natureza e de acordo com os atributos particulares da mesma.

[...] a educação da natureza deve partir da aprendizagem dos sentidos. A criança precisa aprender a bem utilizar seus órgãos para bem conhecer a natureza, as coisas e os homens. Logo, a criança deve correr, pular, escalar, gritar, escutar diversos sons, observar diferentes coisas e experimentar diversos sabores. Como também se machucar se necessário, diz o filósofo, para que assim possa aprender as dores da vida. Mas isso já não acontece? As crianças não realizam todas essas atividades o tempo todo? Sim e não. Realizam essas atividades, mas não as realizam como fins de sua educação. (Souza, 2021, p.63)

Porém é importante ressaltar que essa ideia de educação ideal foi baseada na sociedade da época em que Rousseau vivia, então nem todas as suas concepções podem ser aplicadas à educação nos dias atuais.

Dentro dessa ideia de pensamento, encontramos Jean Piaget. Como mencionado anteriormente, os conceitos de criança e infância estavam em constante mudança, porém antes de Piaget, a criança ainda era vista como uma tábula rasa, e que cabia aos adultos ensinarem as coisas do mundo às mesmas. Piaget dividiu o desenvolvimento das crianças em etapas, o que facilitaria o trabalho pedagógico e também respeitaria cada fase de desenvolvimento das mesmas. O conhecimento não é algo inerente, mas sim, algo que é construído através das relações e interações do sujeito com o meio que está inserido:

Cinquenta anos de experiências ensinaram-nos que não existem conhecimentos resultantes de um simples registro de observações, sem uma estruturação devida às atividades do indivíduo. Mas tampouco existem (no homem) estruturas cognitivas a priori ou inatas: só o funcionamento da inteligência é hereditário, e só gera estruturas mediante uma organização de ações sucessivas, exercidas sobre objetos. (Piaget, 1994, p.14).

Piaget vê o aprendizado como um processo de "construção". Ele argumenta que as pessoas aprendem ao interagir com objetos, usando suas estruturas mentais, num constante desenvolver de ações e na criação de novas formas de entender as coisas. Ou seja, ao analisarmos as ideias de Piaget e as ideias presentes nesta pesquisa, podemos relacionar o conhecimento através das relações de Piaget, com o contato com a natureza. Quanto mais a criança estiver em contato com este meio, mais ela irá aprender sobre e com ele.

A criança é vista então como um ser que está constantemente interagindo com o meio em que está inserida. As suas interações são importantes ferramentas de conhecimento e aprendizagem. Visto isso, podemos relacionar a criança estudada por Piaget, com as crianças da atualidade. As mesmas necessitam de diferentes formas de relações, e dentre elas, podemos destacar a relação da criança com a natureza.

O contato com a natureza é importante para o desenvolvimento não só físico, mas também mental da criança. Diversos estudos mostram que a criança quando exposta à natureza com frequência, desenvolve-se de maneira diferente daquela que não possui essa mesma exposição. Segundo Corraliza e Collado (2011) há uma associação inversa entre a quantidade percebida de exposição à natureza, que inclui tanto a experiência na escola como a presença de natureza no ambiente residencial e social, e os níveis de estresse. Isso indica que quanto maior a exposição à natureza, menor tende a ser o nível de estresse. (Corraliza; Collado, 2011). Isso mostra que além de ajudar em processos cognitivos, o contato com o meio natural também auxilia a criança a saber lidar com situações de estresse de uma maneira diferente daquelas que não possuem esse contato.

Estar inserido na natureza estimula a prática de atividade física, visto que muitas vezes o ato de brincar exige da criança força, agilidade, dentre outros. O aumento da mobilidade e raciocínio lógico da criança pode se dar através desse contato. Importante ressaltar também que movimentar o corpo previne a obesidade infantil e também o surgimento de diversas doenças como diabetes, hipertensão e depressão (OLIVEIRA e VELASQUES, 2020; BARROS, 2019), por isso fala-se tanto da necessidade de se ter uma infância ativa e não sedentária.

Com o avanço da tecnologia, as cidades foram tomando conta dos espaços naturais. Apesar desta pesquisa ter sido realizada na cidade de Curitiba, que conta com 30 parques e 15 bosques em sua área urbana (SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE, Curitiba. 2023) ao falarmos no contexto geral do Brasil, existem poucos parques nas cidades poucas árvores, pouca diversidade de flores. “[...] a existência de espaços públicos é pequena e seu uso é bem tímido, e às vezes elitizado [...]” (DIAS, 2005). Conforme mencionado pelo autor, a criação e construção desses espaços são pouco reconhecidas, enquanto as políticas públicas concentram seus esforços na promoção de espaços mais lucrativos voltados para entretenimento semi público ou privado.

Segundo Richard Louv (2016, p.50) muitos pais e filhos acreditam que brincar fora de casa é ilícito, mesmo quando não é. O governo também é responsável pela falta de brincadeiras ao ar livre. Louv aponta dados do governo americano, que mostram que o mesmo faz diversas restrições em relação ao brincar na natureza, como por exemplo multar famílias que constroem casas na árvore. O autor também traz estudos realizados entre os de 1997 e 2003 que mostram a diminuição do número de crianças que brincam na rua:

De acordo com um estudo de Sandra Hofferth da Universidade de Maryland, houve um declínio de 50% na proporção de crianças de nove a doze anos que passavam tempo em atividades externas, como caminhada, passeios, pescarias, idas à praia e jardinagem. Além disso, Hofferth relatou que o brincar não estruturado e as horas livres das crianças em uma semana típica tinham diminuído nove horas no decorrer de 25 anos. As crianças também passam menos tempo brincando ao ar livre do que suas mães quando eram mais novas, de acordo com Rhonda L. Clements, professora de educação na Faculdade de Manhattanville, em Nova York. Ela e os colegas pesquisaram oitocentas mães, cujas respostas foram comparadas com a visão de mães entrevistadas uma geração antes: 71% das mães de hoje afirmaram que brincavam ao ar livre quando crianças, mas apenas 26% delas disseram que os filhos brincam ao ar livre diariamente. (Louv, 2016, p.56)

Esses dados, apesar de serem de vinte anos atrás, possuem relação com o que a sociedade moderna vive atualmente. Pesquisas feitas no Brasil revelam uma realidade semelhante à citada acima.

Ao passo que na literatura torna-se cada vez mais evidente a importância do espaço urbano para o desenvolvimento físico, cognitivo, social e psicológico do ser humano, a falta de acesso aos espaços, sobretudo os públicos, também se evidencia através do aumento da violência, do tráfego de veículos e da falta de estrutura disponibilizada, trazendo prejuízo à saúde e à maturação infantil. A falta de acesso e uso dos espaços urbanos, nesse sentido, torna-se não apenas um problema espacial, mas um problema de saúde física e psicológica que precisa ser melhor compreendido. (Luz; Kuhnen, 2013)

Crianças que vivem presas em seus apartamentos, em frente a uma tela de computador ou celular, sem grandes estímulos cerebrais e sem sociabilizar, não vivenciam experiências que são de grande importância para seu desenvolvimento. A não exposição à natureza está ligada a sintomas de diversas doenças, como TDAH, depressão e estresse (LOUV, 2016). O autor traz uma expressão que chama de “transtorno do déficit de natureza” e que segundo ele:

descreve os custos da alienação em relação à natureza, incluindo a diminuição no uso dos sentidos, a dificuldade de atenção e índices mais altos de doenças físicas e emocionais. [...] Ao analisar as consequências do transtorno, nos tornamos mais conscientes de quão abençoadas nossas crianças podem ser – biológica, cognitiva e espiritualmente – por meio de uma conexão física positiva com a natureza. Aliás, pesquisas recentes se concentram menos no que é perdido quando a natureza diminui e mais no que se ganha no contato com o mundo natural. (Louv, 2016, p.58)

O emparedamento da infância faz com que as crianças possuam aversão a certos elementos da natureza, faz com que elas não se sintam à vontade tocando na lama ou pulando em uma poça d'água. Faz com que elas acabem sem nem saber como é a experiência de tomar um banho de chuva no fim de tarde de um dia quente.

O que será de um planeta cuja infância e juventude crescem distantes da natureza, sem a possibilidade de desenvolver sentimentos de amor e compreensão clara, existencial, do que são os processos de nascimento, crescimento e morte dos frutos da Terra? Na contra-mão da alienação de si e do mundo, é preciso que as pessoas tenham vivências amorosas para com a natureza para que possam tratá-la amorosamente. Pois há relações entre sentimento de pertencimento ao mundo natural e atitudes ambientais fundamentais à sustentabilidade do planeta (Tiriba, 2018, p.7).

Além dos centros urbanos oferecerem poucos espaços com área verde para quem mora nessas regiões, a violência também é um fator que contribui grandemente para a diminuição de experiências ao ar livre. As famílias não possuem mais segurança ao deixarem seus filhos saírem sozinhos na rua para brincar, preferem então que os mesmos fiquem dentro de casa, pois é mais seguro. Como então as crianças das novas gerações poderão vivenciar a natureza em seu cotidiano, se a mesma não está presente nas paisagens urbanas e nem no ambiente familiar?

Dentro desse conceito é que entram as escolas e as metodologias que utilizam a natureza e seus recursos para consolidar uma educação de qualidade onde a criança que mora em grandes centros, possa então ter contato com o meio natural.

## 2.1. A ESCOLA COMO PONTE DE EXPLORAÇÃO E POSSIBILIDADES ENTRE A EDUCAÇÃO E A NATUREZA

Em meio aos muros de concreto e grandes edifícios e construções, as escolas surgem como uma importante forma de conexão entre as crianças e a

natureza. A sala de aula deixa de ser então um ambiente emparedado, mas passa a ser também um lugar verde, com folhas, terra e tantos outros elementos naturais. As escolas passam a investir em espaços onde a criança possa aprender com o meio em sua forma mais natural.

Ambientes ao ar livre proporcionam às crianças algumas das melhores oportunidades de aprendizado, pois elas aprendem brincando e sua curiosidade natural é estimulada por experiências incomparáveis. A natureza as incentiva a explorar e descobrir, a enfrentar novos desafios e a adquirir novas habilidades [...] As crianças têm o direito de aprender e brincar ao ar livre, de serem ativas com seus corpos e mentes, e de experimentar a natureza em todas as suas formas maravilhosas (Moorhouse, 2010, p.1, tradução nossa).

A natureza faz parte da educação em diversas metodologias, mesmo as que surgiram a muitas décadas atrás, pois a criança e a natureza sempre tiveram uma ligação muito forte. Utilizando essa abordagem, podemos citar Maria Montessori, que foi uma médica e pedagoga, com estudos essenciais sobre a educação na infância e que via a natureza como um recurso importante para o aprendizado da criança. Além disso, a autonomia fazia parte de sua abordagem, onde a criança é quem era responsável pelo seu aprendizado. A pedagogia de Montessori inspira diversas escolas a seguirem essa linha de transformar a escola em um espaço de educação completo, que ofereça à criança todos os recursos necessários para ela ser capaz de se desenvolver da forma mais completa possível. Pinto (2005, p. 61) cita Montessori da seguinte maneira:

[...] uma das provas da correção do processo educacional é a felicidade da criança". Para Montessori a educação deve ser entendida enquanto um espaço de e para a vida, entendo que seu sentido está no desenvolvimento do ser, na realização de suas forças interiores, inatas, como condição de liberar o potencial da criança e garantir-lhe o autodesenvolvimento, por meio de experiências que permitam a auto estruturação cognitiva (Pinto, 2005, p. 61).

A escola aparece assim como parte fundamental na formação dos indivíduos. Ela não é apenas um lugar onde a criança vai "passar um tempo", ou um lugar que serve apenas para os pais a deixarem e poderem ir trabalhar. A escola é lugar de aprendizado para a vida. Lugar de socialização. Onde a criança passa a aprender sobre direitos, deveres e sobre o mundo em que vive. A escola é então um lugar de transformação.

[...] é preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que se possam vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciação e a criação (Gómez, 1998, p. 26).

A conscientização da importância do contato com a natureza no desenvolvimento físico e cognitivo da criança faz com que as escolas adotem práticas educacionais que incorporam-na no dia-a-dia das aulas. Escolas estão investindo em chácaras e ambientes imersos à natureza. As crianças aprendem sobre reciclagem, compostagem, a economizar água e outros recursos naturais.

A natureza deve ser a 1ª leitura de mundo da criança. Além de aprendizado por si só. Ela é também premissa para o desenvolvimento infantil integral e saudável. Infância e natureza estão intimamente ligadas (Machado, 2016, p. 2).

A criança é naturalmente curiosa. Ela sai da sala de aula e ao se deparar com elementos da natureza, ela tem vontade de explorá-los, de tocá-los, de levá-los para casa. Ela começa a questionar sobre os mesmos, a aflorar ainda mais a sua vontade de saber. Por que não então usar estes elementos e a curiosidade da criança, para criar vivências educacionais ricas nas escolas? Segundo Machado (2016), os itens da natureza que são recolhidos pela criança dão a ela a capacidade de transformá-los em diferentes objetos e exteriorizam assim a sua imaginação e criatividade.

Para as crianças, a Natureza se manifesta de várias formas. Um bezerro recém-nascido, um animal de estimação que vive e morre, um forte aninhado em urtigas, um caminho desgastado pela floresta. Seja qual for a forma que ela assume, a Natureza proporciona à criança um mundo maior, separado de seus pais, e, ao contrário da televisão, não rouba o tempo, mas o amplifica (Louv, 2016, p.29).

A natureza oferece para a criança diversos elementos com os quais ela pode aprender, tanto sozinha, quanto em vivências pedagógicas. As "peças soltas" da natureza oferecem uma infinidade de possibilidades. Segundo Casey e Robertson (2019):

ambientes naturais, como florestas ou praias, frequentemente oferecem uma quantidade significativamente maior de elementos soltos com níveis mais elevados de possibilidades do que muitos espaços de jogo artificiais, como um playground escolar de asfalto ou um parque urbano. Crianças que brincam ao ar livre ou em espaços amplos fechados com outras não precisam de muitos brinquedos. Ao fornecer talvez apenas alguns brinquedos bem escolhidos, mas numerosos elementos soltos, podemos enriquecer o espaço de jogo e facilitar a brincadeira. (Casey; Robertson, 2019, p.6. tradução nossa)

Na natureza é possível encontrar diversos elementos que auxiliam na aprendizagem e na exploração das crianças. Para Louv (2016, p.87) existe uma lista de "peças soltas" na natureza, como por exemplo, água, árvores, arbustos, flores, grama, uma poça d'água e as criaturas que moram ali dentro, areia, dentre outros. Se houver a possibilidade de explorar além da área onde a criança brinca, como por exemplo florestas e campos, essas "peças soltas" da natureza se tornam ainda mais soltas e também potentes para a imaginação da criança.

As escolas possuem a potencialidade de utilizar todos esses recursos a seu favor. Utilizar a natureza e seus elementos, e também a curiosidade que as crianças possuem, para assim criarem um currículo que aproxime seus alunos do meio natural. Que o estudo dele não seja apenas teórico, mas também prático. Transferir as salas de aula de um lugar com paredes de tijolos para um lugar que não tem paredes e nem teto, porém que possui capacidade de criar inúmeras vivências riquíssimas para seus alunos.

Nota-se assim a necessidade do estudo e do contato com a natureza desde os primeiros anos da infância. As práticas pedagógicas precisam conectar a criança com toda a sua potencialidade. As escolas devem então reinventar seus espaços e tempos, de modo com que consigam assegurar a seus alunos o estudo que lhe é de direito.

As atividades ao ar livre proporcionam aprendizagens que se relacionam ao estado de espírito porque colocam as pessoas em sintonia com sentimentos de bem-estar, em que há, portanto, equilíbrio entre o que se faz e o que se deseja fazer. Um dos efeitos do manuseio de barro, da areia, da argila é o de proporcionar esse equilíbrio. Por isso, o contato diário com esses elementos é tão importante. Nesta mesma linha de raciocínio, podemos pensar que as brincadeiras nos espaços externos podem constituir fonte de sentimentos de solidariedade e companheirismo. Um pátio que é de todos,

onde cada um pode escolher com quem e com que deseja brincar, não favorece atitudes individualistas e competitivas, ao contrário constitui espaço de convivência amistosa, prazerosa (Tiriba, 2010, p.8).

Tiriba aborda em diversos textos as relações presentes entre a educação e a necessidade de aliá-la com a natureza. Segundo Tiriba (2010, p.7) “cuidar das crianças significa mantê-las em contato com o universo natural de que são parte”. As escolas que já utilizam dessas técnicas em suas vivências escolares, asseguram aos seus alunos um aprendizado muito rico. A incorporação de elementos naturais em vivências na educação infantil pode trazer experiências educacionais bastante significativas para as crianças. É importante que o adulto educador também esteja em contato constante com a natureza e seus elementos, para que quando questionado sobre algo pela criança, ele saiba dialogar e ajudar a criança a sanar suas dúvidas, ou ainda aflorar ainda mais a curiosidade e o desejo de aprender dela. As práticas na natureza auxiliam no processo de aprender sobre as potências da educação ao ar livre e no quanto a natureza pode nos ensinar como seres humanos.

Tiriba (2010) comenta que a escola é um ambiente privilegiado, pois é lá que as crianças vivenciam muitas de suas primeiras percepções sobre si mesmas e sobre o mundo. Portanto, a ausência da abordagem da natureza no cotidiano escolar não deveria ocorrer, visto que o ser humano e a natureza estão interligados.

Visto isso, podemos então abordar a educação ambiental presente nas escolas e no currículo.

## 2.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Segundo a BNCC, durante a educação infantil, deve ser assegurado às crianças seis direitos de aprendizagem e também desenvolvimento, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (BRASIL, 2017, p.25). Além disso, a BNCC também aborda cinco campos de experiência necessários para a criança se desenvolver e aprender: O eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2017, p.25). Dentro desses aspectos, podemos citar a educação na natureza como sendo um dos direitos fundamentais para a criança se desenvolver plenamente. Podemos

relacionar então a necessidade da educação ambiental no currículo das escolas. Segundo Luís Paulo Sirvinskaskas:

A educação ambiental deve estar fundamentada na ética ambiental. Entende-se por ética ambiental o estudo dos juízos de valor da conduta humana em relação ao meio ambiente. É, em outras palavras, a compreensão que o homem tem da necessidade de preservar ou conservar os recursos naturais essenciais à perpetuação de todas as espécies de vida existentes no planeta Terra. Essa compreensão está relacionada com a modificação das condições físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, ocasionada pela intervenção de atividades comunitárias e industriais, que pode colocar em risco todas as formas de vida do planeta. O risco de extinção de todas as formas de vida deve ser uma das preocupações do estudo da ética ambiental.

[...]

A ética ambiental está amparada pela Constituição Federal, ao consignar que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo e para as presentes e futuras gerações (art. 225, caput, da CF).

É o exercício efetivo da cidadania que poderá resolver parte dos grandes problemas ambientais do mundo através da ética transmitida pela educação ambiental. Para se entender as causas da degradação ambiental é necessário compreender os problemas socioeconômicos e políticos-culturais e, a partir desses conhecimentos, tentar alterar as atitudes comportamentais das pessoas na sua fase inicial por meio de uma ética ambiental. (Sirvinskaskas, 2003, p.7-8).

A educação ambiental começa então a ser discutida com mais força no Brasil nos anos 80, onde diversos encontros começaram a ser realizados, além de movimentos sociais e ONGs ampliarem sua relevância no território nacional (LOUREIRO, 2006, p.132).

Em abril de 1999 foi sancionada a Lei nº 9.795 que aborda a educação ambiental da seguinte maneira:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999)

Além disso, o Art. 2º fala que a incorporação da educação ambiental é fundamental e duradoura no sistema educacional do país, sendo necessário que ela esteja integrada de maneira coordenada em todos os estágios e tipos de ensino, abrangendo tanto a educação formal quanto a não-formal. (BRASIL, 1999). Sendo assim, a educação ambiental passou a ser mais discutida nos âmbitos nacionais e internacionais.

A Educação Ambiental então possui grande relevância e importância no processo educativo, visto que deve ser abordada em todas as fases da educação formal, da educação infantil até a educação de jovens e adultos, de forma que englobe diversos aspectos, como a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade (BRASIL, 1999). As escolas então precisam trazer a Educação Ambiental para seu cotidiano, e com isso, oferecer dentro da EA possibilidades e formas de fazer com que as crianças se conectem de maneira significativa e duradoura com a natureza.

A educação ambiental com sua dimensão abrangente, é uma forte aliada para reorientar a educação em direção à sustentabilidade. Além de vir alargando o seu escopo de possibilidades, de promover mudança ética, sustenta-se em uma educação voltada pela ação e para a ação. Logo, agrega e fortalece as iniciativas da chamada educação para a cidadania, da ecopedagogia, da educação para sociedades sustentáveis, da educação para gestão ambiental, enfim, das várias denominações e representações que recebe. (Tristão, 2004, p.55)

Educar para uma sociedade mais sustentável e responsável com seus atos para com a natureza é um dos pilares da Educação Ambiental. O professor que aborda essa temática em seus planejamentos, oferece a seus alunos uma interação necessária entre eles e o meio-ambiente. Integrar a criança à natureza através de práticas se faz necessário, visto que apresentar apenas conteúdos com conceitos teóricos e poucas práticas, acaba trazendo pouca relevância para os alunos.

A educação ambiental deve se constituir em uma ação educativa permanente por intermédio da qual a comunidade têm a tomada de consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, dos problemas derivados e de ditas relações e suas causas profundas. Este processo deve ser desenvolvido por meio de práticas que possibilitem comportamentos direcionados à transformação superadora da realidade atual, nas searas sociais e naturais, através do desenvolvimento do educando das habilidades e atitudes necessárias para a dita transformação. (Junior, 2010, p.100).

Desta forma então o professor ao abordar a Educação Ambiental, tem a possibilidade de discutir alguns conceitos e concepções sobre o meio ambiente. Os professores precisam também estar atualizados em relação a conceitos e práticas que visam a natureza como foco de aprendizagem. Tendo essa ideia em mente, algumas Universidades começaram a incluir a Educação Ambiental nos currículos de cursos como o de Pedagogia. A Universidade Federal do Paraná incluiu no sexto período do curso de pedagogia a disciplina obrigatória "Educação Ambiental" que visa aprofundar marcos epistemológicos, conceituais e também políticos da educação ambiental (UFPR, 2019). Sato e Carvalho (2005) trazem questões a respeito da formação de professores na educação ambiental da seguinte forma:

Uma delas é a de que a formação de professores comporta uma dimensão que transcende os objetivos programáticos dos cursos e metodologias de capacitação. Trata-se da formação de uma identidade pessoal e profissional. Desta forma, quaisquer que sejam estes programas e metodologias, eles devem dialogar com o mundo da vida dos(as) professores(as), suas experiências, seus projetos de vida, suas condições de existência, suas expectativas sociais, sob pena de serem recebidos como mais uma tarefa entre tantas que tornam o cotidiano do professor um sem-fim de compromissos. (Sato; Carvalho, 2005, p.61)

Assim nota-se a importância do professor ter a vivência com a natureza para que possa assim, passar essa conexão para seus alunos. Tendo esses desafios em mente, Sorrentino (1998) traz estratégias importantes para auxiliar na formação desse professor e seu contato com a educação ambiental. Para Sorrentino, é necessário fornecer recursos sobre temas como meio ambiente, ecologia, ambientalismo, educação e Educação Ambiental; incentivar uma análise crítica desses recursos em relação à realidade e aos sonhos/desejos/utopias individuais e coletivos; motivar o educador ambiental a acreditar em sua capacidade de agir, tanto

de forma individual quanto coletiva, e a praticá-la, visando contribuir para que o mesmo ocorra com as pessoas e grupos com os quais trabalha e também facilitar o acesso a métodos e técnicas de Educação Ambiental que possam ser adaptados e incorporados às práticas diárias do educador. (Sorrentino, 1998, p.27-28).

Tendo essas concepções de educação ambiental, escolhemos analisar neste trabalho algumas práticas pedagógicas que incorporam a natureza e também seus elementos durante o processo de aprendizagem. A vontade de pesquisar sobre esse tema se deu após a leitura do livro “A última criança na natureza”, de Richard Louv, escrito em 2016. Pudemos notar quão problemático é esse distanciamento da natureza no dia-a-dia da criança. A escola entra como um sujeito importante capaz de aproximar novamente as duas e promover uma educação e desenvolvimento de qualidade para a criança.

### **3 A NATUREZA PRESENTE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA ESCOLA DE CURITIBA**

O art. 225 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) traz que: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações", sendo assim, a escola possui a obrigação de oferecer para a criança uma educação em contato com a natureza. Na educação formal, a educação ambiental é abordada no currículo das escolas através das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e também através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Considerando a relevância da natureza para um desenvolvimento integral na infância, examinamos algumas abordagens pedagógicas que incorporam a natureza como parte integrante da rotina e das práticas pedagógicas. Neste capítulo, apresentamos algumas dessas práticas analisadas e como a natureza se relaciona com elas.

A análise das práticas pedagógicas descritas neste trabalho tem como propósito destacar a maneira como as crianças interagem com a natureza no ambiente escolar. O objetivo não é descrever essas práticas como certas ou erradas e nem expor a escola, os profissionais e os alunos, mas sim, analisar as relações e possibilidades que podem ser criadas quando se utiliza a natureza nas práticas pedagógicas nas escolas. Dentre essas práticas, algumas fazem parte do currículo de turmas do Infantil 5 e do 1º ano do Ensino Fundamental, além de outras que fazem parte de projetos autorais de professoras da instituição de ensino, visto que:

Não é coisa que eu tenha inventado. Me foi ensinado. Não precisei pensar. Gostei. Foi para a memória. Esta é a regra fundamental desse computador que vive no corpo humano: só vai para a memória aquilo que é objeto do desejo. A tarefa primordial do professor: seduzir o aluno para que ele deseje e, desejando, aprenda" (Alves, 1994, p. 70).

O professor aparece então como um dos protagonistas no processo educativo de seus alunos. Ao trazer para dentro da escola ideias e propostas de sua própria autoria, incentiva seus alunos a se envolverem com a atividade proposta e a

trazerem também novos olhares para aquilo que está sendo trabalhado. Uma professora que traz a natureza para o cotidiano escolar, também está inserindo seus alunos dentro desse meio e oferecendo a eles uma educação completa e de qualidade.

### 3.2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A instituição escolar investigada neste estudo conta com uma área semelhante a uma chácara ou casa de campo. Semanalmente, as turmas da educação infantil dirigem-se a esse espaço, utilizando o transporte disponibilizado pela escola, para realizar suas atividades e experiências do dia no local. Devido à presença abundante de elementos naturais, a área em questão abriga uma variedade de animais, o que resulta em interações significativas por parte das crianças, despertando nelas interesse e curiosidade.

Explorar a natureza [...] é em grande parte uma questão de se tornar receptivo ao que está ao seu redor. É aprender novamente a usar seus olhos, ouvidos, narinas e pontas dos dedos, abrindo os canais subutilizados da impressão sensorial. Para a maioria de nós, o conhecimento do nosso mundo vem principalmente pela visão, no entanto, olhamos ao redor com olhos tão desatentos que somos parcialmente cegos. Uma maneira de abrir os olhos para a beleza não percebida é se perguntar: "E se eu nunca tivesse visto isso antes? E se eu soubesse que nunca o veria novamente?" (Carson, 1956, p. 59, tradução nossa).

A exploração da natureza na educação infantil desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança. Ela oportuniza a descoberta de diversos estímulos e sensações. Foi através disso que as práticas pedagógicas analisadas nesta pesquisa se desenvolveram.

#### 3.2.1 O João de Barro e seu ninho

Durante uma das visitas a essa área, pudemos acompanhar uma turma de crianças de 1º ano juntamente com sua professora, que optamos por preservar a identidade e por isso a chamaremos de Maria. Essa turma demonstrou interesse por um dos animais avistados, especificamente o João de Barro. O que mais cativou os alunos foi o ninho construído pelo pássaro. Num desses passeios, a turma encontrou

cascas de ovos de passarinho. A professora Maria optou então por adotar esse animal como objeto de pesquisa para seus alunos. Nos dias em que estavam na escola, dedicavam tempo para investigar aspectos como seu habitat, alimentação, o processo de construção de seus ninhos e os materiais utilizados para tal. Com as informações reunidas, as crianças aplicavam na prática o que aprenderam durante suas visitas à chácara da escola.

Figura 1 - Casca de ovo de pássaro



Fonte: acervo da autora (2023).

Ao decorrer de uma das visitas, as crianças expressaram o desejo de criar um ninho semelhante ao do João de Barro. Munidas das informações que coletaram sobre os materiais utilizados pelo pássaro na construção de seus ninhos, elas realizaram uma busca por esses elementos. Coletaram palha, gravetos e também tentaram reproduzir o barro utilizado pelos pássaros nessa construção.

Figura 2 - Construção de ninho com elementos naturais



Fonte: acervo da autora (2023)

Figura 3 - Construção de ninhos com elementos naturais



Fonte: acervo da autora (2023)

Figura 4 - Construção de ninho com lama e palha



Fonte: acervo da autora (2023)

Contudo, durante o processo de montagem, as crianças perceberam que o resultado não estava correspondendo ao ninho característico do João de Barro. Diante dessa situação, a professora Maria sugeriu que investigassem as possíveis diferenças nas construções feitas por eles e pelos pássaros.

Após uma pesquisa adicional, as crianças descobriram então que o barro utilizado nos ninhos do João de Barro também continha esterco. Essa revelação

despertou grande curiosidade nas crianças, resultando em um momento descontraído na turma. Obviamente existem outras diferenças entre os ninhos feitos pelo João de Barro e pelas crianças, visto que é extremamente difícil recriar um semelhante ao construído pelos passáros por diversos fatores, porém as crianças demonstraram não apenas uma significativa curiosidade, mas também grande satisfação ao compreenderem o motivo pelo qual os ninhos anteriores que haviam construído não tinham tido sucesso. Essa prática pedagógica foi analisada durante três dias.

A análise dessa primeira prática pedagógica destaca a relevância da escuta ativa na educação. O ato de ouvir as crianças no contexto escolar revelou-se fundamental para compreender suas observações do ambiente ao redor e identificar suas aspirações de aprendizado. Essa abordagem permitiu que as crianças explorassem livremente o ambiente e também seus elementos, inclusive se sujando com lama durante os processos pedagógicos, promovendo uma atmosfera em que não há receio de interagir com a natureza. Segundo Espinosa (1983 apud Tiriba, 2007, p. 222),

mexer na terra, correr na grama, jogar bola, pular, saltar, subir em árvores: as crianças têm verdadeira paixão pelo espaço ao ar livre! Elas manifestam claramente essa preferência porque são modos de expressão da natureza (Espinosa, 1983 apud Tiriba, 2007, p. 222).

A conexão das crianças com a flora e também a fauna da localidade onde estudam se mostrou e só foi possível através da vivência diária dessas crianças na natureza.

### **3.2.2 O poder do elemento água**

Na segunda prática pedagógica analisada as crianças tiveram a oportunidade de interagir com a água. Ela foi também realizada pela professora Maria e sua turma de 1º ano. Essa prática aconteceu na chácara da escola no dia dois de outubro de dois mil e vinte e três.

A exploração desse elemento vai além de apenas molhar-se; a água inspira as crianças a criar de maneiras diversas. Pode ser misturada com terra para formar lama, combinada com flores ou temperos para originar tintas naturais. A água apresenta possibilidades infinitas. As crianças descobrem uma variedade de

maneiras de incorporar a água em suas brincadeiras, tornando-a um dos elementos favoritos para suas atividades e diversões.

Figura 5 - Brincadeiras com água



Fonte: acervo da autora (2023)

Figura 6 - Brincadeiras com água



Fonte: acervo da autora (2023)

Nas figuras 5 e 6, as crianças descobriram uma fonte de diversão na água. Elas pegam panelas e bacias, enchendo-as de água. A principal atividade é o ato de jogar água nos amigos. No entanto, algumas crianças também participam de

brincadeiras adicionais, como encher as panelas. Surgem então desafios espontâneos: quem consegue encher mais rápido? Quem consegue encher mais? Quem consegue encher utilizando uma colher?

Figura 7 - Brincadeira na poça d'água



Fonte: acervo da autora (2023)

Além disso, a água não precisa ser utilizada somente em dias de sol e calor. Com a vestimenta adequada, as crianças podem explorar esse elemento em todas as estações do ano. Na figura 7, as galochas são utilizadas para investigar um dos espaços disponíveis no próprio quintal da escola. O potencial de uma poça é vasto, e as professoras, durante essas práticas pedagógicas, habilmente exploram essa oportunidade, estimulando a criatividade das crianças de maneira encantadora. Durante a análise dessa prática, estava chovendo, e a professora estava no quintal com todos os alunos. Trajavam capas de chuva e galochas e brincavam uns com os outros das mais variadas formas. Alguns pulavam nas poças d'água, outros recolhiam as folhas que encontravam nas poças e guardavam em seus bolsos. Não existia um direcionamento da professora em relação às brincadeiras, porém a mesma estava sempre atenta. As práticas pedagógicas também se dão através do brincar livre. Uma criança aprende um universo de coisas no brincar e explorar a natureza.

O deslocamento livre facilita a percepção do espaço e o interesse pelo entorno, deixando que a própria criança escolha a posição que adotará para manipular os objetos ou ficar atenta ao seu redor. Também auxilia na construção do esquema corporal correto e da segurança à criança, que

aprende a aprender e a realizar até o fim, o que começou (Soares, 2020, p. 50).

O brincar livre está relacionado também à noção do próprio corpo, percepção da criança sobre sua presença no mundo e também a percepção da existência do outro. Essas abordagens são necessárias pois fazem parte do desenvolvimento infantil. Ao explorar diferentes elementos e diferentes formas de brincar, a criança também descobre diferentes maneiras de se relacionar com as pessoas ao seu redor. Assim cria bases que possuem relação com habilidades emocionais e também sociais.

### **3.2.3 O ciclo de vida da borboleta**

A última prática pedagógica analisada teve como objeto de estudo os insetos. Ela foi realizada em uma turma de Infantil 5 e aqui chamaremos a professora de Ana.

A pesquisadora possuía um vínculo bastante forte com a professora Ana, o que foi muito rico educacionalmente, visto que as duas conversavam diariamente sobre a prática que estava sendo aplicada.

Para a análise dessa prática, foram necessários mais dias de observação. Todo o processo durou em média 12 dias, tendo início no dia 5 de outubro e finalização no dia dezessete de outubro, sendo que, diariamente, a pesquisadora ia até a sala da professora Ana para observar o processo de transformação da lagarta em borboleta, que chamamos de metamorfose. As crianças também compartilhavam com a pesquisadora detalhes sobre o que aconteceu nos momentos em que a mesma não estava observando a prática, coisa que as crianças acabavam fazendo rotineiramente por livre e espontânea vontade.

A professora Ana relatou que as crianças estavam apresentando muita curiosidade sobre os animais que encontravam na escola. Foi aí que surgiu a ideia de usar isso nas aulas. A professora levou as crianças para o quintal com lupas em mãos e elas começaram a explorar o chão, as árvores e todos os cantos da escola. Encontraram muitas formigas e pequenos insetos, como representado na figura 8, porém segundo a professora, esses insetos não foram os que mais chamaram a atenção das crianças. Durante essas explorações no quintal, as crianças encontraram uma lagarta. A mesma foi recolhida pela professora e levada para sala

de aula. Prepararam então um local adequado para ela ficar, com muitas folhas, galhos e também entradas de ar. As crianças passaram a ter como meta cuidar dessa lagarta e investigar todos os aspectos relacionados a ela.

Figura 8 - Observação de insetos



Fonte: acervo da autora (2023)

Figura 9 - Lagarta encontrada no quintal da escola



Fonte: acervo da autora (2023)

Figura 10 - Observação da lagarta em sala de aula



Fonte: acervo da autora (2023)

No decorrer da exploração da lagarta, as crianças começaram a expressar várias dúvidas sobre o inseto. Elas não sabiam do que se alimentava, questionavam se logo se transformaria em borboleta e se mudaria de cor, ou se permaneceria para sempre na forma de lagarta. Aproveitando essa curiosidade, a professora passou a abordar com as crianças o ciclo de vida da borboleta. Começaram observando a lagarta, examinando suas cores e tamanho, e registraram todas essas informações.

Figura 11 - Observação e registro sobre características da lagarta



Fonte: acervo da autora (2023)

Com o passar dos dias, a lagarta passou por vários processos e as crianças tiveram a oportunidade de testemunhar a transformação desde a fase de lagarta até se tornar uma borboleta. No dia desse evento especial, as crianças compartilhavam

entusiasticamente com todos na escola, explicando com animação que a lagarta havia se transformado em uma borboleta, e que elas haviam a libertado no quintal.

Figura 12- Observação da Borboleta em sala de aula



Fonte: acervo da autora (2023)

Essa prática foi extremamente rica tanto para as crianças, quanto para a pesquisadora e as outras professoras que acompanharam. Ver a constante curiosidade das crianças com aquele inseto diariamente trouxe um senso de gratidão e alegria por ver que as mesmas estavam desenvolvendo em seu cotidiano novas sensações e sentimentos. A prática despertou em todas as crianças um senso de empatia e cuidado, pois todas passaram a zelar pela vida do inseto. Alertavam todos que entravam em sua sala que a lagarta estava ali e que era bastante sensível. Possuíam o cuidado de observar se ela estava recebendo todo o auxílio que necessitava para continuar viva e se transformar em uma borboleta.

### 3.3 ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Ao fim das práticas analisadas, pudemos notar o quanto a natureza interfere no processo de aprendizagem das crianças, uma vez que a mesma oferece oportunidades únicas de aprendizado, permitindo que as crianças possam assim, ter liberdade para criar, aprender e descobrir. As práticas surgiram de provocações feitas pelas professoras, porém grande parte do processo teve relação com a curiosidade e também criatividade das crianças. Pudemos notar que ao terem liberdade e autonomia, a vontade de aprender transparece. O contato com a

natureza em todas as três práticas analisadas mostrou o quanto o uso desses elementos no processo de aprendizagem na educação infantil é tão importante, pois em cada uma delas foi possível perceber a conexão que as crianças e a natureza possuem. A curiosidade aflorada sobre os animais da chácara da escola e a pesquisa que as crianças fizeram relacionada ao João de Barro, mostraram que as crianças gostam de serem os sujeitos de seu próprio aprendizado. Elas tiveram vontade de aprender mais sobre um inseto específico e puderam colocar a mão na massa para aprender mais sobre seu modo de vida. Essa prática pode ser relacionada com a necessidade que as crianças têm de conhecer o mundo e a natureza. Elas sempre procuram respostas para aquilo que veem ao seu redor e através da pesquisa e vivência, elas puderam sanar várias dúvidas.

A prática 2, envolvendo o uso de água, revela que a utilização de elementos como água, terra, ar, aflora a criatividade das crianças. Elas inventam e mediam as próprias brincadeiras, além de criarem novas maneiras de utilizar o elemento oferecido a elas. Dentro dessa prática, também foi possível notar que ao brincarem com água, as crianças se sentiam também parte daquele elemento. Muitas deitavam e rolavam na água, queriam molhar todas as partes de seus corpos. Outras queriam usar a água para criar novas formas de se divertir. Essa aproximação com a natureza feita através dessa vivência serve para que as crianças se percebam como parte de um todo e que todos os elementos da natureza precisam conviver em harmonia. Para que isso seja possível, elas precisam aprender a importância desses elementos em suas vidas e que é necessário também, preservar e respeitar todos os recursos naturais existentes.

Se queremos formar pessoas que respeitem a natureza, desfrutar da vida ao ar livre não pode ser uma opção de cada professora ou escola, mas um direito das crianças e, portanto, um imperativo pedagógico. Desde a creche e a pré-escola precisamos, portanto, realizar uma aproximação física estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, constituindo-os como chão, como pano de fundo ou como matéria-prima para a maior parte das atividades. (Tiriba, 2007, p. 222)

Por fim, a prática 3 foi importante para as crianças criarem laços ainda maiores e mais significativos com a natureza. O processo de encontrar a lagarta no chão da escola e cuidar dela em um outro ambiente preparado para ela, foi capaz de florescer diversos sentimentos nas crianças. A noção de que aquele ser a partir de

agora dependia delas para sobreviver e também se transformar trouxe às crianças conceitos como empatia e preservação da biodiversidade. O reconhecimento da biodiversidade significa também respeitar a totalidade dos seres que habitam a biosfera. É essencial entender que não podemos concentrar nossa atenção apenas no bem-estar humano, dada a interdependência existente entre as diferentes espécies, mantendo um equilíbrio global que requer preservação (Tiriba, 2007). Essa prática pedagógica além de ter sido extremamente enriquecedora para todos que dela participaram, também traz novamente à tona a importância de uma educação onde a criança tenha autonomia para escolher quais caminhos quer trilhar durante o seu processo de aprendizagem.

Ao encerrar a análise dessas práticas podemos então articulá-las com as questões teóricas apontadas nos primeiros capítulos do texto. A autora Léa Tiriba exemplifica em muitos de seus textos a importância do desemparedamento da infância e importância das práticas pedagógicas conversarem com as noções sobre a necessidade do contato com a natureza no desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, precisamos afirmar a importância de as crianças desfrutarem de um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo Sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual. Mais que isso, entendendo que as crianças são seres da natureza, é necessário repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades. Já nos primeiros dias na IEI, podemos recebê-las no pátio, onde estarão grandes bacias com água: elas vão adorar dar banho em bonecas, brincar dentro das bacias, encher e esvaziar mil vezes os potinhos que colocarmos à sua disposição. Em dias de muito calor, os banhos de chuva e de mangueira serão muito bem-vindos...quem é que não se lembra da alegria que proporcionam? (Tiriba, 2010, p.6)

Relacionar a natureza no cotidiano escolar visa oferecer às crianças oportunidades de se desenvolverem integralmente e de fazer com que o déficit de natureza (LOUV, 2016) esteja cada vez menos presente na infância. Nas escolas que buscam ter relações mais próximas entre a educação e a natureza, os alunos encontram vivências que utilizam elementos naturais, além disso, não apenas usam esses elementos de forma aleatória, mas buscam trazer significado para cada prática e os materiais utilizados. A criança pode assim encontrar formas de se conectar com esses elementos e entender mais sobre seu papel no mundo.

A natureza – o sublime, o inclemente e o belo – oferece algo que a rua, a comunidade fechada ou o jogo de computador não têm. A natureza apresenta aos jovens algo muito maior do que eles são e oferece um ambiente onde facilmente contemplam o infinito e a eternidade. Uma criança pode, numa rara noite clara, subir em um telhado no Brooklyn, ver as estrelas e perceber o infinito. A imersão no mundo natural vai direto ao ponto, expõe o jovem direta e indiretamente aos elementos a partir dos quais os humanos evoluíram: a terra, a água, o ar, e os outros seres vivos, grandes e pequenos. (Louv, 2016, p.118)

Manter as crianças ao ar livre estimula uma quantidade imensurável de aspectos de relevância para ela. Ao passar menos tempo dentro de casa, e mais tempo fora dela, a criança encontra por si só objetos que despertam sua curiosidade e ampliam seu conhecimento. Mencionamos no tópico 2.1 deste trabalho que o processo educacional pode ser medido através da felicidade da criança (PINTO, 2005) e quando chegamos ao fim das análises, pudemos notar que todas estavam envolvidas e felizes com os processos e finalizações das práticas pedagógicas. Isso exemplifica o quanto a escola é uma potente mediadora entre a criança e a sua felicidade durante a busca de conhecimento.

Ao fim das análises das práticas pedagógicas pudemos notar que elas se articulam com o Projeto Político Pedagógico da escola e os objetivos educacionais da mesma. O PPP da escola se fundamenta em uma perspectiva crítica social, que tem como objetivo promover mudanças efetivas em relação à formação do cidadão.

A escola possui o construtivismo e o socioconstrutivismo como base de seu currículo, e segundo o Projeto Político Pedagógico

A prática pedagógica socioconstrutivista propõe que o aluno construa o seu conhecimento de forma a interagir com a realidade:

- Esclarecendo ideias, percebendo relações, estabelecendo conexões, expressando pensamentos, percebendo semelhanças, discordando, estimulando resultados, arriscando instituição, compreendendo processos, deduzindo conclusões.
- Obtendo domínio nas noções de esforço, tempo e interações.
- Vivenciando situações em que possa problematizar a realidade, formular hipóteses, analisar dados, esclarecer e criticar conclusões.
- Situando-se na realidade física e social, sabendo se utilizar de seus recursos pessoais.
- Buscando enriquecer os seus conhecimentos através da experimentação e aprendizagem do real. (PPP, 2023, p.18)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Projeto Político Pedagógico da escola que foi o espaço desta pesquisa. A escola não será identificada por uma questão de ética, visto que o objetivo desta pesquisa foi analisar e discutir as práticas pedagógicas.

Ao utilizar o socioconstrutivismo em seu currículo, a escola também conta com a metodologia que utiliza o trabalho com projetos, que foi o caso de algumas das práticas pedagógicas analisadas nesta pesquisa.

Trabalhar com Projetos é uma forma de vincular o aprendizado escolar aos interesses e preocupações das crianças, aos problemas emergentes na sociedade em que vivemos, à realidade fora da escola e às questões culturais do grupo. Os projetos vão além do limite do currículo, os temas podem ser explorados de forma interdisciplinar e ampla, o que implica pesquisa, busca de informações e atividades de registro feitas individual ou coletivamente.

Os projetos são uma atividade desenvolvida em equipe que tem como objetivo a compreensão de uma situação ou fato. O ponto de partida é uma situação problemática, trazida pelos alunos ou proposta pelo professor, cujo enfrentamento vai requerer a organização de atividades de aprendizagem, da qual os alunos ajudam a planejar. Outro fator importante é que o conhecimento é construído e existe num intercâmbio entre as pessoas, isso é, o conhecimento está distribuído entre todos os membros do grupo. Do mesmo modo que os materiais como os livros, os computadores e a Internet, outras pessoas e os próprios alunos, que fazem parte daquela comunidade de investigação, também são recursos cognitivos para o projeto. O papel do professor é o de mediador, problematizador e facilitador desse processo de aprendizagem. (PPP, 2023, p.20)

Sendo assim, os projetos feitos durante as aulas, podem ter início de várias maneiras. Como pudemos ver nas práticas pedagógicas analisadas, eles podem surgir de ideias do professor e também dos alunos. As práticas pedagógicas então seguem o PPP da escola, visto que

todo o trabalho com projetos pode ser desenvolvido a partir das seguintes características: - Parte-se de uma situação ou tema problema negociado com os alunos;

- Inicia-se um processo de pesquisa ou um percurso de busca;
- O percurso é o trabalho de uma comunidade de investigação, na qual é valorizada a cooperação e o professor é um orientador e não um especialista;
- Discutem-se e se selecionam estratégias de busca e diferentes fontes e tipos de informações;
- Desenvolve as atividades de busca planejadas dividindo as tarefas entre o grupo;
- Examina e discute as informações coletadas;
- Representa-se o processo de elaboração do conhecimento;
- Levantam-se outras questões ou se relacionam com outros temas que podem se constituir como novos projetos.

Essa caracterização serve como orientação para o desenvolvimento de projetos e não deve ser seguida como etapas fixas. O que é importante garantir:

- O protagonismo do aluno durante todo o processo;
- A escolha de assuntos contextualizados;

- O tratamento interdisciplinar implicando no auxílio de diversos saberes áreas ou disciplinas
- O processo de trabalho em equipe, onde todos têm lugar e papel e se aprende a conviver solidariamente;
- O papel do professor como um mediador da cultura e facilitador da aprendizagem;
- A ênfase na avaliação como instrumento de reconstrução e tomada de consciência do aprendido. (PPP, 2023, p. 20-21)

As três práticas pedagógicas que foram analisadas durante esta pesquisa possuem relevância no contexto educacional da escola, visto que atingem objetivos que estão propostos no Projeto Político Pedagógico da instituição, como a realização de projetos e o protagonismo do aluno durante o processo educacional, além de serem articuladas com a metodologia esperada pela escola.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza sempre se fez presente na vida do ser humano. Nos primórdios da humanidade o ser humano não se percebia como um ser dissociado da natureza, mas sim, como parte dela. Porém o ser humano foi adquirindo diferentes conhecimentos e passou a querer construir grandes cidades que tinham como objetivo suprir suas necessidades. Passou de pouco em pouco a se afastar da natureza e de tudo que nela existe. O foco agora era apenas no conforto e na tecnologia para facilitar o dia a dia. Essa dessensibilização com a natureza acarretou e ainda acarreta diversos problemas para o homem.

O afastamento do homem e da natureza também se dá nos processos educativos e do quanto as escolas também não abordam de maneira significativa as relações entre homem e natureza. As construções das escolas são feitas com pouca ou nenhuma área verde. As crianças passaram a não explorar ambientes externos e vivem fechadas dentro de salas escuras e sem vida. Visto que a escola desempenha papel crucial na formação de pessoas, o fato de a mesma estar afastada da natureza só evidencia ainda mais a problemática socioambiental que se encontra no mundo atualmente. Segundo Tiriba (2007), a escola precisa afirmar diariamente que a criança faz parte da natureza e de tudo que a cerca. Ela precisa entender que ela e a natureza estão interligadas, visto que isso é também um direito da criança. A aproximação entre a natureza e a criança precisa ser realizada em espaços físicos, ou seja, a criança precisa ter contato com elementos naturais como sol, água, terra, ar, todos os dias durante o seu período escolar. Se sentir parte é essencial para que ela adquira consciência sobre a importância de preservar o meio natural.

A superação dessa crise ambiental e educacional se encontra em processo de transformação, que muitas vezes se dá através de escolas que buscam incluir as crianças em atividades que façam uso dos elementos da natureza.

Após a realização desse trabalho, foi possível compreender através da análise das práticas pedagógicas a importância de incorporar a natureza no ambiente escolar. Seja por meio de práticas pedagógicas dentro ou fora de aula, ou seja, através da disponibilização de ambientes livres e verdes, a natureza

quando objeto de estudo oferece à criança inúmeras possibilidades educacionais e aprendizagens sobre si e o meio em que vive.

Contar com esse tipo de prática pedagógica enriquece não apenas o currículo escolar, mas também possibilita que a criança cresça em um ambiente propício para que ela desenvolva diversos de seus processos cognitivos da maneira mais saudável e natural possível.

A constante interação da criança com o meio ambiente promove o estímulo da curiosidade, da criatividade e da psicomotricidade dela. Ela se torna observadora e observa o que está ao seu redor.

Com isso notamos que além de ter o direito ao contato com a natureza, a criança também tem dentro de si a necessidade de explorar o meio natural de todas as maneiras possíveis. Durante a observação das práticas pedagógicas propostas pelas professoras, notou-se que as relações que as crianças criam entre si e entre o ambiente são um forte elo que precisa ser fortalecido todos os dias através de ações que a própria escola pode proporcionar quando oferece a seus alunos um ambiente propício e planejado para que a construção desses vínculos ultrapasse apenas os anos iniciais, mas também sejam presentes em toda a vida daquele ser humano.

O olhar da criança é único. Ela percebe detalhes que muitas vezes escapam aos adultos, explorando o mundo com curiosidade e imaginação. Para a criança, as cores são mais vibrantes, os cheiros mais marcantes e as experiências mais intensas. Quando o professor compartilha desse olhar, ele se torna um facilitador capaz de transformar o processo educativo. Quando ele respeita as necessidades de conexão entre a infância e a natureza, ele cria um ambiente de aprendizagem mais envolvente e estimulante, proporcionando oportunidades infinitas para as crianças. Sendo assim, o professor que adota essa perspectiva, não apenas enriquece o processo educacional, mas também contribui para o desenvolvimento integral e único de cada criança.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. 279 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod\\_resource/content/2/ARIÈS.%20História%20social%20da%20criança%20e%20da%20família\\_text.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARIÈS.%20História%20social%20da%20criança%20e%20da%20família_text.pdf). Acesso em: 04 set. 1993.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: ARS Poética, 1994.

BARROS, Maria Isabel Armando de; MENEZES, Paula Mendonça de. **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018. 111 p. Disponível em: [https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento\\_infancia.pdf](https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf). Acesso em: 10 set. 2023.

BARROS, M. I. A. de (org.). Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes. 2019. Disponível em: <[https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2019/05/manual\\_orientacao\\_sbp\\_cen.pdf](https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2019/05/manual_orientacao_sbp_cen.pdf)>. Acesso em: 11 dez. 2023.

BECKER, Fernando. O Que é construtivismo? **Revista de Educação**. Brasília, v. 21, n. 83, p. 7-15, 1992.

BERMAN, Marc G.; KAPLAN, Stephen. The cognitive benefits of interaction with nature. **Psychological Science**, [s.l.], v.16, n.12, p. 1207-1212, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CAPRA, Fritjof *et al.* **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASEY, Theresa; RICHARDSON, Juliet. **Resources for playing** - providing loose parts to support children's play. Cardiff: Play Wales, 2017.

CARSON, Rachel. **The sense of wonder**. New York: Harper Perennial, 1956.

CORRALIZA, José Antonio; COLLADO, Silvia. La naturaliza cercana como moderadora del estrés infantil. **Psicothema**, [s.l.], v.23, n.2, p. 221-226, 2011.

CURITIBA, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. **Parques e Bosques de Curitiba**. Curitiba, 2023. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-de-curitiba/267#:~:text=S%C3%A3o%2030%20parques%20e%2015,Departamento%20de%20Parques%20e%20Pra%C3%A7as.>> Acesso em: 11 dez. 2023.

DIAS, Fabiano. O desafio do espaço público nas cidades do século XXI. *Arquitextos*, São Paulo, 06.601, Vitruvius, jun 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>> Acesso em: 11 dez. 2023.

FLICK, Uwe. **Métodos de pesquisa**: introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GÓMEZ, Pérez, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

INFÂNCIA. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/infancia/>. Acesso em: 10 set. 2023.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do deficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

LUZ, Giordana Machado da.; KUHLEN, Ariane. O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 3, p. 552–560, 2013.

MACEDO, Lino. **Ensaio Construtivistas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1994.

MACHADO, Ana Lúcia. **Brincando com os 4 elementos da natureza**. 1. ed. nov. 2016. Disponível em:

MOORHOUSE, Pete. **Learning outdoors**: building a solid foundation through nature. [S.l.]: Community Playthings, 2010.

MASS, J. *et al.* Morbidity is related to a green living environment. **Journal of Epidemiology and Community Health**, [s.l.] v.63, p. 967-973, 2009.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Mônica Maria Souza de; VELASQUES, Bruna Brandão. transtorno do déficit de natureza na infância: uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem. **Latin American Journal Of Science Education**, [s.l.], p. 1-11, nov. 2020. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Monica-Oliveira.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

PINTO, Manoel da Costa. *In* Coleção Memória da Pedagogia, nº 3. Maria Montessori: o indivíduo em liberdade. Rio de Janeiro. Ediouro. Segmento Dueto, 2005.

PIORSKI, Ghandy. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o Brincar. São Paulo: Petrópolis., 2016.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2023.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental: pesquisas e desafios**. 2005.

SORRENTINO, Marcos. De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: JACOBI, P. et. al. (orgs.) **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, 1998.

SOARES, Suzana Macedo. **Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos**. 2.ed. São Paulo: Omnisciência, 2020.

SOUZA, Rodolfo de. **A educação segundo o princípio da natureza em Jean-Jacques Rousseau**. Campinas: 2021.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. **Manual de direito ambiental**. 2.ed. rev. atual. E ampl. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 7-8.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte, Novembro, 2010.

TIRIBA, Léa. **Educação infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, Léa. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. 2.ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

TIRIBA, Léa. Reinventando relações entre seres humanos e natureza nos espaços de educação infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Vamos cuidar do Brasil: conceito e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília, DF: UNESCO, 2007. Cap. 4. p. 219-227.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação dos professores: redes de saberes**. São Paulo: Annablume; Vitória. Facitec. 2004.